

# **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E SABERES TRADICIONAIS DO QUILOMBO DE ANGICO: FORTALECENDO A AUTOAFIRMAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

**Fabício dos Santos Leite**

fabriciodoangico@gmail.com

**Lourena Oliveira de Lima**

lourenaoliveira84@gmail.com

**Maria Márcia Rodrigues de Almeida**

marciadoquilombo@gmail.com

**Pedro Henrique Almeida Melo**

pham3@discente.ifpe.edu.br

**Priscylla Beserra Soares**

pbs9@discente.ifpe.edu.br

**Roseane Gico Beserra Almeida**

roseanegicoalmeida@gmail.com

**Ciro Linhares de Azevêdo**

ciro.azevedo@garanhuns.ifpe.edu.br

---

## **RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso, caracterizado como Relato de Experiência, teve como objeto de estudo relatar os ranços e os avanços acerca do desenvolvimento e aplicação de uma sequência de atividades antirracistas na Escola Doralice Rodrigues da Silva, localizada no Quilombo de Angico, no município de Bom Conselho – PE. O intuito foi solucionar o seguinte problema de pesquisa: A Escola Doralice Rodrigues da Silva contempla, em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), ações que contribuam como processo de autorreconhecimento e fortalecimento do território? Apesar de a Escola estar situada em um território quilombola, e de existir a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, sejam ou não quilombolas, não é perceptível um PPP específico na instituição. É notória a falta de discussões acerca de uma educação antirracista e emancipadora, que fortaleça as práticas específicas do currículo escolar quilombola. O objetivo geral desta pesquisa foi sensibilizar a gestão escolar e o corpo docente da Escola Doralice Rodrigues da Silva para a importância da implementação de práticas pedagógicas diferenciadas, voltadas para a valorização da história quilombola e fundamentadas numa perspectiva antirracista. Acerca do referencial teórico, esta pesquisa baseia-se na Lei nº 10.639/2003 e em autores da temática educacional afro-brasileira, como Nêgo Bispo, Munanga (2012), Carril (2017) e Sousa (2020). Diante do percurso metodológico deste Relato de Experiência, fez-se necessário planejar um roteiro de atividades, tais como: apresentação do projeto à equipe gestora; formações com a comunidade escolar (gestão e

docentes); visita à casa dos mestres de saberes; partilhas de saberes ancestrais no ambiente escolar; e realização de atividades práticas com os estudantes do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. Essas ações resgataram saberes orgânicos por meio da oralidade e da ancestralidade do território, contribuindo para a autoafirmação dos estudantes enquanto quilombolas.

**Palavras-chave:** Currículo Escolar Quilombola, sequências didáticas, cultura afro-brasileira, saberes tradicionais, mestres de saberes.

## INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência versa sobre a implementação de práticas pedagógicas antirracistas na Escola Doralice Rodrigues da Silva, situada no Quilombo de Angico, município de Bom Conselho, Pernambuco. Localizada a 11 km do centro urbano, com acesso por estrada de barro, este território começou a ser habitado no final do século XVII por grupos de negros que migraram do Quilombo Macacos, na Serra da Barriga, após o desmantelamento deste, localizado em União dos Palmares, Alagoas. A Serra da Barriga é atualmente reconhecida como Patrimônio Histórico e Cultural pela União. Além disso, negros provenientes do Quilombo de Pedro Capaça, situado na atual cidade de Bom Conselho e pelos holandeses, também contribuíram para a formação do território. Com o tempo, a comunidade foi sendo ocupada por famílias de sítios vizinhos.

O nome “Angico” é uma referência à abundância da árvore nativa na região, amplamente utilizada pelos moradores. A madeira do angico era empregada na construção de casas de taipa e na produção de carvão, enquanto suas sementes e folhas serviam como alimento para cabras e ovelhas. Ademais, as folhas e cascas da árvore eram usadas na medicina tradicional, sendo ingredientes na preparação de remédios caseiros para tratar inflamações, tosse, bronquite e feridas, devido às suas propriedades cicatrizantes.

A organização comunitária é conduzida pela Associação Quilombola Angico, fundada em 19 de abril de 1995, que congrega as 350 famílias associadas. Em 2005, a comunidade foi oficialmente reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares. Desde então, diversas iniciativas têm sido realizadas para fortalecer o desenvolvimento socioeconômico e cultural, preservando suas raízes culturais e resgatando a memória ancestral. Essas ações têm contribuído para a

melhoria da qualidade de vida e para a reafirmação da identidade quilombola, conectando o passado de luta e resistência com o presente e o futuro da comunidade.

A ausência de práticas pedagógicas específicas voltadas ao currículo quilombola motivou a adoção de iniciativas para promover a valorização da cultura e identidade locais, em conformidade com a Lei nº 10.639/2003, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Para alcançar tais objetivos, o trabalho integrou saberes tradicionais, como o processo de manufatura da mandioca, o uso de plantas medicinais e conceitos de etnomatemática, articulando memória, ancestralidade e territorialidade como instrumentos pedagógicos.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

**Capacitar e fortalecer** a equipe docente da escola-campo de pesquisa, promovendo a melhoria contínua das práticas pedagógicas e o desenvolvimento de competências específicas para a educação escolar quilombola, com foco na valorização da cultura, história e identidade do território.

**Realizar** encontros para rodas de conversa no território, com mestres e mestras de saberes, promovendo a partilha e valorização dos saberes ancestrais.

**Realizar** vivências e práticas pedagógicas baseadas em uma metodologia que integre os saberes tradicionais com o conhecimento científico, promovendo o ensino de forma articulada e respeitosa às duas abordagens. vivências e práticas pedagógicas baseadas em uma metodologia que integre os saberes tradicionais com o conhecimento científico, promovendo o ensino de forma articulada e respeitosa às duas abordagens.

**Elaborar** um material que compile e compartilhe relatos detalhados das práticas pedagógicas vivenciadas, oferecendo suporte e servindo como referência para a gestão escolar e o corpo docente da Escola Quilombola do Angico.

Ademais, os gêneros textuais desempenharam um papel central nas práticas pedagógicas desenvolvidas, conectando o contexto histórico-cultural da comunidade

ao ensino formal. Entre os gêneros utilizados, destacam-se a entrevista, a receita, a bula e a biografia, que proporcionaram vivências práticas e significativas.

O gênero textual entrevista se destacou como uma ferramenta pedagógica essencial, permitindo que os alunos desenvolvessem habilidades de investigação, comunicação e registro, enquanto interagiam com mestres de saberes e lideranças comunitárias. A produção de uma receita de remédio caseiro envolveu etapas de pesquisa, escrita e prática culinária com os mestres de saberes do território. Já a análise e produção da bula de remédio possibilitou aos estudantes compreender e registrar informações sobre plantas medicinais e seus usos terapêuticos, valorizando saberes tradicionais, bem como a estrutura e especificidade do gênero. A elaboração da biografia permitiu que os alunos conhecessem e registrassem a história do Sr. Paulo de Mãinha, figura importante da comunidade.

Essas experiências promoveram uma conexão direta entre os estudantes e o patrimônio cultural da comunidade, reforçando a valorização da memória e da ancestralidade. Tais atividades demonstraram como os gêneros textuais podem ser utilizados de forma eficaz para fortalecer a identidade cultural, ao mesmo tempo que desenvolvem competências linguísticas, investigativas e cognitivas, promovendo um processo de ensino-aprendizagem significativo e transformador.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O marco referencial que desencadeou a necessidade da realização deste relato de experiência teve com embasamento teórico os estudos realizados por autores como FREIRE (2005) em *a pedagogia do oprimido*, onde o autor discute a importância da valorização cultural e da educação crítica, proporcionando uma base teórica para atividades que promovem o reconhecimento das tradições de grupos historicamente marginalizados.

Silva (1997) em *Quilombos: identidade étnica e resistência cultural*, onde o autor explora a história dos quilombos e a relevância cultural e social das comunidades quilombolas no Brasil, sendo um recurso valioso para entender o contexto histórico e cultural.

Nogueira (2019) em sua obra intitulada: *A oralidade como método de preservação cultural nos quilombos*, cujo artigo explora como as narrativas orais são essenciais para a preservação da memória e cultura quilombola, oferecendo uma visão acadêmica sobre o papel dos griôs.

Gomes (2006) em *Histórias de Quilombolas: Mocambos e Comunidades de Senzalas no Rio de Janeiro (século XIX)*, cujo livro apresenta um estudo aprofundado sobre a formação e a cultura das comunidades quilombolas, incluindo o papel dos griôs como transmissores de saberes tradicionais.

Almeida (2022) em *Ancestralidade e Memória na Educação Quilombola* nos convida a olhar para a educação como um espaço de transformação, onde a ancestralidade e a memória não são apenas resgatadas, mas reimaginadas como instrumentos para a emancipação cultural e social. Ao aplicar esses conceitos, especialmente no contexto das atividades conduzidas na Comunidade Quilombola de Angico, conectando teoria e prática.

Silva (2019) em *História e Cultura dos Quilombos: Um Olhar sobre o Passado e o Presente* destaca diversos aspectos relacionados aos quilombos, como a memória histórica, a resistência cultural e a atualidade das lutas quilombolas.

Paulo Freire (1987) em seu livro intitulado: *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* destaca a importância do respeito à identidade cultural dos educandos, valorizando os saberes locais e cotidianos como elementos fundamentais para a construção do conhecimento. Essa abordagem desafia práticas pedagógicas autoritárias e bancárias, em que o professor deposita informações no aluno de forma mecânica, sem considerar seu contexto de vida, experiências e potencial criativo.

Fonseca (2019) em sua obra: *História e memória dos quilombos no Brasil que trabalhar* a história e a memória dos quilombos é essencial para desconstruir estereótipos e fomentar uma educação inclusiva que valorize a diversidade. Isso ressoa especialmente em práticas pedagógicas que buscam integrar a história quilombola no currículo escolar, permitindo que estudantes, especialmente os pertencentes a essas comunidades, reconheçam e celebrem sua herança cultural.

Moura (1981) em sua obra: *Os quilombos e a resistência ao escravismo* propõem uma leitura que coloca os quilombolas como sujeitos históricos ativos, em oposição à narrativa eurocêntrica que os retratava como passivos ou apenas em fuga.

Santos (2020) em *Cultura e resistência quilombola*, as práticas e saberes quilombolas são formas de resistência contra as forças históricas de apagamento cultural, desempenhando um papel fundamental na manutenção das identidades comunitárias.

Silva (2018) Em *Café: Tradições e histórias na cultura quilombola*, enfatiza que o café, dentro da cultura quilombola, pode ser analisado como um elemento que transcende sua função de alimento, envolvendo aspectos de memória coletiva e práticas culturais.

Dolz; Schneuwly (2004) em sua obra, *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras propõe sequências didáticas voltadas para o ensino de diferentes gêneros textuais, com foco no desenvolvimento das competências de leitura e escrita.

Após a apresentação do planejamento de como seria ministrada a quinta com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental forma projetados por meio de data show e notebook as seguintes videoaulas de como surgiu a Etnomatemática explicado por Ubiratan D'Ambrósio intitulada na plataforma virtual do Youtube de "Ubiratan D'Ambrosio - Etnomatemática" e "Como surgiu a Etnomatemática - Ubiratan D'Ambrósio".

Segundo Silva (2005, p. 15), aborda a importância de trabalhar-se com as especificidades do currículo de acordo com a demanda da comunidade local levando em conta os aspectos culturais de uma educação centrada no aluno, seja ele quilombola, indígena, ribeirinho, cigano, do campo, periferia e outros territórios.

O currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade. Talvez possamos dizer que, além de uma questão de conhecimento, o currículo é também uma questão de identidade.

De acordo com os estudos realizados por Munanga (2012, p. 17):

Tomar consciência histórica da resistência cultural e da importância de sua participação na cultura brasileira atual é o que importa e deveria fazer parte do processo de busca da identidade negra por parte da elite politizada. Mas basear busca e construção de sua identidade na “atualmente” dita cultura negra é problemático, pois em nível vivido outros segmentos da população brasileira poderiam lançar mão da mesma cultura e nem todos os negros que no plano da retórica “cantam” a cultura negra a vivem exclusiva e separadamente dentro do contexto brasileiro, assim como não existem brancos vivendo exclusiva e separadamente a cultura dita branca.

Carril (2017, p. 555) coloca:

Pensar educação escolar quilombola com base nos contextos de uso do território, da etnicidade e da memória presentes nas narrativas dos sujeitos no intuito de construir metodologias que proporcionem aprendizagens tendo como ponto de partida elementos referentes às realidades locais das comunidades.

Comumente pode-se observar que professores de exatas não demonstram interesse por temáticas tidos como exclusivos das ciências humanas, em contraposição autores como Santos; Alencar; Oliveira; Silva et al. Em suas obras destacam a importância do resgate histórico e do uso em sala de aula das unidades de medidas não convencionais, tais como, a cuia de litro, a braça, o palmo, o quadro de terra, etc.

Chama-nos atenção quando encontramos docentes das ciências exatas se eximindo da responsabilidade de aplicar as referidas leis em que determinam o estudo da história e da cultura afro-brasileira e dos povos indígenas em todo o currículo escolar. O professor de matemática, salvo exceções, parece não ter sido formado e sensibilizado nesta perspectiva. [...] A história da África está indiscutivelmente atrelada a história do povo brasileiro e com o desenvolvimento de atividades e situações por meio de um estudo matemático de base africana será possível solidificar conhecimentos mais autênticos além de possibilitar uma postura crítica dos estudantes. Sem contar que, muitas dessas atividades e jogos da matemática africana, podem ser trabalhados ludicamente e que aproximem os estudantes de matemáticas socialmente referenciadas, onde todos que estão em sala de aula podem desenvolver os saberes matemáticos (Sousa et al. 2020, p. 4-5).

Em contraposição aos argumentos contrários à efetivação da lei nº 10.639 no ensino de exatas este trabalho foi de encontro, isto é, demonstrou-se através dos depoimentos coletados que é possível inserir a temática afro-brasileira e africana em todas as disciplinas da educação escolar básica.

## **METODOLOGIA**

O processo metodológico deste trabalho foi desenvolvido por meio de várias etapas. Buscou-se, por intermédio de uma análise crítica e detalhada, propor uma ação interventiva a fim de desenvolver uma prática pedagógica que envolvesse os saberes tradicionais, visando ao alcance da autoafirmação em uma perspectiva antirracista.

No primeiro momento, foi realizada uma visita à Escola Doralice Rodrigues da Silva para apresentação do projeto à comunidade escolar, bem como para a solicitação de autorização para a oferta de formações ao corpo docente e para a vivência das práticas pedagógicas com os estudantes das turmas do 4º e 5º anos do ensino fundamental.

Inicialmente, foram ofertadas quatro formações para os docentes, com o intuito de sensibilizar e demonstrar as possibilidades da práxis pedagógica direcionada ao ensino antirracista para o público quilombola. Posteriormente, foi elaborada uma sequência didática, na qual foram desenvolvidas atividades como: visita ao território de mestres de saberes da comunidade para a realização de rodas de conversa e entrevistas visando à transmissão dos saberes tradicionais. Também foram promovidos momentos de ensino e aprendizagem no ambiente escolar conduzidos por esses mestres, como, por exemplo, a elaboração de receitas com plantas medicinais, utilização de medidas não padronizadas e outros saberes.

Associando os saberes ancestrais aos gêneros textuais, foi possível desenvolver diversas atividades relacionadas à produção textual, leitura, análise linguística e etnomatemática, relacionando os saberes empíricos aos saberes científicos. Foram abordadas, por exemplo, a estrutura e as características de diversos gêneros textuais por meio da escrita e da interpretação.

Como culminância dos trabalhos realizados, os estudantes participaram de uma partilha de saberes com as demais turmas dos anos iniciais. Durante a apresentação, exibiram os conhecimentos adquiridos por meio de cartazes, livros de receitas e enciclopédias de plantas. Além disso, homenagearam e apresentaram a

biografia do mestre conhecedor das plantas medicinais, Paulo Soares da Silva, conhecido como Paulo de Mãinha.

## **ROTEIRO DAS ATIVIDADES DIRECIONADAS À FORMAÇÃO CONTINUADA NA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA, REALIZADA COM OS PROFESSORES DA ESCOLA DORALICE RODRIGUES DA SILVA**

### **Primeira Formação: “Minha história eu vou contar lá no pé de baobá”**

Momento direcionado à equipe gestora e a todos os docentes dos anos iniciais e finais do ensino fundamental da Escola Doralice Rodrigues da Silva, ministrado pela atriz e “narratriz” Stephany Metódio.

Stephany apresentou uma metodologia voltada para os contos africanos e afro-brasileiros, sugerindo sua aplicação em escolas quilombolas ou não, com ênfase em práticas antirracistas e um despertar afrocentrado. Após a apresentação, ela lançou o questionamento: *Por que não trocar o conto de fadas da Disney por um conto africano, com características relacionadas à sua criança quilombola?*

Foram sugeridas substituições como trocar “Cinderela”, “Barbie”, “Cachinhos Dourados” e “Alice no País das Maravilhas” por narrativas como “A tartaruga e a raposa”, “A criação do mundo”, “A linda garota de Angola”, entre outros contos apresentados. Esse questionamento estimulou uma rica troca de experiências. Os professores interagiram positivamente e refletiram sobre a relevância de abordar, em sala de aula, temas relacionados aos povos quilombolas, uma vez que estão formando discentes quilombolas.

Outro ponto relevante foi a análise crítica dos autores trabalhados em sala, verificando se abordam não apenas contos africanos ou afro-brasileiros, mas também práticas antirracistas. Após essa reflexão, foi aberto um espaço para perguntas dos docentes e, em seguida, houve um momento de exploração dos livros apresentados pela formadora.

A formação foi encerrada com a contação do conto africano “A tartaruga e o macaco”. Elementos de origem africana, como uma colher de pau e uma peneira, foram utilizados para simbolizar os personagens, proporcionando descontração e diversão. Como destacou a artista: “Cada conto aumenta um ponto”.

**Imagem: 1**



Fonte: autoria própria (2024)

## **SEGUNDA FORMAÇÃO: CURRÍCULO ANTIRRACISTA E ESPECÍFICO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA**

Formação ministrada pelo Prof. Me. Ciro Linhares, historiador e coordenador do curso de Pós-graduação em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista, juntamente com Creuza Teles, gestora da Escola Vigília Garcia Bessa, localizada na Comunidade Quilombola do Castainho. Durante a formação, foram abordados temas relacionados ao currículo quilombola e antirracista.

Creuza Teles apresentou um relato de sua experiência como gestora de uma escola quilombola, destacando um projeto desenvolvido na instituição. Durante sua explanação, apresentou o Projeto Político-Pedagógico (PPP), demonstrando como ocorre a organização da escola. Relatou o trabalho contínuo dos professores na reafirmação do sentimento de pertencimento, promovendo, nos estudantes, um reconhecimento de sua identidade, origem e direitos como crianças e jovens quilombolas.

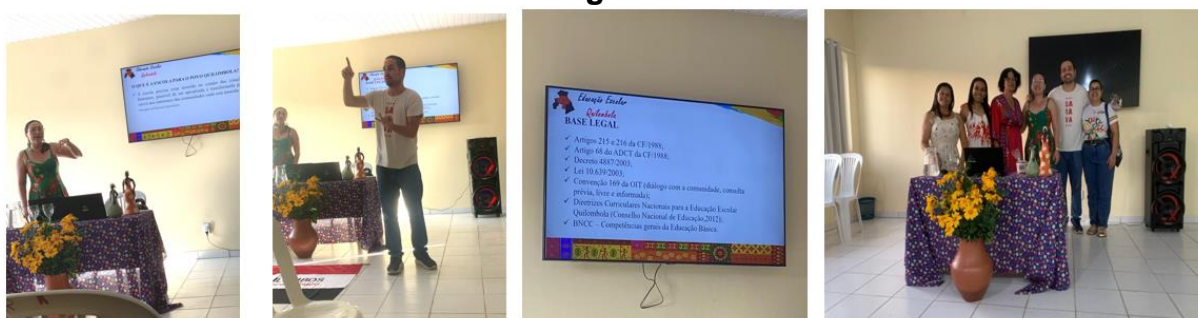
Foi enfatizado o cuidado com o uso de determinadas palavras e expressões de conotação racista, como: *denegrir*, *mercado negro*, *criado-mudo*, *a coisa tá preta*, *lista negra* e *dia de branco*. Segundo a gestora, essas expressões devem ser eliminadas do vocabulário escolar e substituídas por alternativas mais inclusivas.

Creuza destacou que, ao final da implementação do projeto, a escola apresentou melhorias significativas em seus indicadores, evidenciando que a vivência entre escola e comunidade foi fortalecida. Salientou que não há uma receita pronta para a implementação de um currículo antirracista, pois cada escola e comunidade possuem suas particularidades. Contudo, é possível incorporar a ancestralidade e os saberes tradicionais dos mestres quilombolas às práticas pedagógicas, promovendo a valorização e o sentimento de pertencimento dos estudantes a essas questões fundamentais.

O formador **Ciro Linhares** trouxe uma retrospectiva histórica do povo africano escravizado e trazido ao Brasil, apresentando uma linha cronológica detalhada do processo. Destacou a importância do conhecimento das leis voltadas aos povos quilombolas, como a Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) para incluir no currículo escolar a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana".

Ao final, foi aberto um momento de discussão, no qual os professores presentes puderam fazer perguntas e compartilhar vivências. A troca de experiências e conhecimentos foi destacada como um dos pontos altos da formação, proporcionando um momento produtivo de aprendizado coletivo.

**Imagem: 2**



Fonte: Autoria Própria (2024).

## **FORMAÇÕES SOBRE GEOGRAFIA E HISTORICIDADE QUILOMBOLA**

**Terceira e Quarta Formações: Geografia Quilombola de Bom Conselho: Da Identidade ao Território Usado e Historicidade Quilombola do Município de Bom Conselho – PE**

As formações foram conduzidas pelos professores Juarez Cavalcante Ferreira – Mestre em Geografia pela UFAL, docente da SEDUC Pernambuco e Alagoas, membro do Grupo Josué de Castro de Pesquisa Territórios – UFAL – e Vitor Gomes, Pós-Graduado em Ensino de História pela UPE. Estas formações foram direcionadas à equipe gestora, aos docentes e discentes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

O professor Juarez iniciou abordando a relevância do mês de novembro, destacando o Dia da Consciência Negra (20 de novembro). Explicou os conceitos de “Lugar de Fala” e “Propriedade de Fala”, relacionando-os a temas como preconceito, discriminação e racismo. Ressaltou ainda a distinção entre os conceitos de lugar, identidade e território, enfatizando as especificidades de cada um.

Na abordagem da geografia quilombola, apresentou dados baseados no Censo, com abrangência nacional, regional e estadual, culminando na análise das comunidades quilombolas de Bom Conselho. Foram destacadas as onze comunidades reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares, com exibição de mapas elaborados pelo próprio professor Juarez. Após a explanação, foi aberto um momento para perguntas.

No segundo momento, o professor Vitor Gomes tratou sobre a "Historicidade Quilombola de Papa Caça". Em sua retrospectiva cronológica, explicou a formação do município de Bom Conselho, evidenciando que este teve origem em um quilombo. Destacou que a comunidade quilombola de Angico surgiu após o desmantelamento desse quilombo, com os sobreviventes ocupando o território.

O professor Vitor ressaltou a importância de revisitar a história a partir de múltiplas perspectivas, criticando, por exemplo, o hino da cidade, que atribui sua fundação a uma fazenda, ignorando a existência anterior do quilombo. Indicou ainda o filme *Pedro Papa-Caça, Um Quilombo Além de Palmares*, que apresenta a história da cidade sob uma ótica alternativa à narrativa oficial.

Ao final, o sentimento de gratidão pelo conhecimento compartilhado foi sintetizado na frase: “*Não deixe que ninguém tire a sua esperança.*”

Imagem: 3



Fonte: Autoria própria (2024)

## ROTEIRO DAS ATIVIDADES DIRECIONADAS AO 4º ANO

Acerca do cronograma destinado a ministrar os encontros pedagógicos com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, fez-se necessário a criação de um cronograma para realizarmos os encontros pedagógicos com as temáticas a seguir: *Cultura Quilombola; Memória e Ancestralidade Quilombola; Territorialidade e Identidade Quilombola; Culinária Quilombola - Café Tradicional; Etnomatemática.*

### 1º Momento: Cultura Quilombola

Acerca do primeiro encontro, iniciamos as atividades apresentando e contextualizando os termos “Quilombo” e “Quilombola”. Essa introdução permitiu que as crianças compreendessem aspectos fundamentais sobre suas origens e raízes culturais. Em seguida, apresentamos os mestres de saberes do território Quilombola de Angico: Sr. Brasiliano Soares da Cruz, liderança comunitária e Presidente da Associação Quilombola Angico; Sr. Miguel Batista de Lima, mestre de saberes e coordenador da Banda de Pífano; e Sra. Regina Cecília Guimarães, mestra de saberes e religiosa.

Os mestres compartilharam histórias e saberes transmitidos por seus ancestrais. Relataram a origem do quilombo e descreveram como as primeiras moradias foram construídas em mutirões festivos que envolviam toda a comunidade, desde a escolha da madeira, cipó e barro até a finalização das casas.

Além disso, destacaram celebrações religiosas, como as festas de Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida, Padre Cícero e São Sebastião, sempre acompanhadas pela Banda de Pífano, e as tradições relacionadas à produção da farinha de mandioca e ao preparo de iguarias como o beiju e o pé-de-moleque.

Ao final, propusemos como atividade que os alunos realizassem uma entrevista com seus pais ou avós para registrar vivências e práticas no território, a serem apresentadas na próxima aula.

#### Imagem:4



Fonte: Autoria própria (2024)

#### **2º Momento: Memória e ancestralidade quilombola**

A respeito do segundo encontro, a aula teve início com a leitura das entrevistas realizadas pelos alunos, proporcionando um momento enriquecedor de troca de saberes ancestrais e fortalecimento da identidade cultural. As entrevistas serviram como ponto de partida para uma reflexão coletiva, permitindo que os alunos estabelecessem conexões entre suas próprias vivências e os relatos colhidos. Em seguida, os conceitos de memória e ancestralidade foram explicados de maneira clara e contextualizada, promovendo o entendimento dos alunos sobre a importância dessas dimensões na construção e preservação da história e da identidade quilombola.

Com base nessa introdução teórica, os alunos participaram de uma aula de campo que incluiu uma roda de conversa com Dona Antônia Maria da Conceição, carinhosamente chamada de Dona Dôre, reconhecida como mestra de saberes e matriarca da Comunidade Quilombola de Angico. O encontro aconteceu no espaço de Santa Luzia, um local sagrado e culturalmente significativo no quilombo, onde fé e tradição se entrelaçam. Durante a conversa, Dona Dôre compartilhou histórias emocionantes sobre a tradição da festa em homenagem a Santa Luzia, uma celebração iniciada por seus ancestrais. Ela relatou como a festa representa não apenas um ato de devoção, mas também uma forma de resistência cultural, mantendo vivas as práticas, valores e memórias de sua comunidade.

Dona Dôre expressou, com sensibilidade e esperança, o desejo de que seus filhos, netos e as futuras gerações continuem a preservar e valorizar essa herança cultural. Seu depoimento tocou profundamente os alunos, que tiveram a oportunidade de ouvir e refletir sobre a importância de respeitar e perpetuar os legados ancestrais. Essa vivência foi essencial para aproximar os estudantes da riqueza da cultura quilombola, fomentando o respeito, a valorização e o orgulho pelas tradições locais.

**Imagem: 5**



Fonte: Autoria própria (2014)

### **3º Momento: Identidade e territorialidade quilombola**

Durante o terceiro encontro pedagógico, registramos que, neste momento, abordamos os conceitos de territorialidade e identidade, destacando a relevância do território quilombola não apenas como um espaço físico, mas como um símbolo de memória, cultura e resistência coletiva. Ressaltamos a importância da preservação dos territórios como forma de assegurar os direitos e a continuidade da identidade

quilombola para as futuras gerações. Para enriquecer a discussão, contamos com a presença especial do mestre de saberes José Carlos Lopes da Silva, liderança reconhecida no Movimento Quilombola de Pernambuco e representante da Comunidade Quilombola de Castainho, localizada em Garanhuns.

Durante sua participação, o Sr. José Carlos compartilhou sua inspiradora trajetória de vida, marcada por lutas em prol da valorização da cultura e da preservação da memória dos povos quilombolas. Ele também relatou suas experiências como ativista e destacou a importância da união e da organização comunitária para enfrentar desafios e conquistar direitos.

Após sua fala, realizamos uma roda de perguntas e respostas, criando um espaço de diálogo em que os alunos puderam interagir diretamente com o convidado. Esse momento proporcionou uma troca rica de experiências, fortalecendo o entendimento sobre a vivência quilombola e despertando nos estudantes reflexões importantes sobre o papel de cada indivíduo na construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com as diversidades culturais.

**Imagem:6**



Fonte: Autoria própria (2014).

#### **4º Momento: Culinária Quilombola - Café Tradicional**

Este momento foi dedicado a explorar a riqueza cultural e histórica da culinária quilombola, com enfoque especial na tradição do café artesanal. A aula teve como objetivo destacar a culinária não apenas como prática cotidiana, mas como uma expressão viva da memória ancestral coletiva do território. Foi enfatizada a

importância de preservar essas tradições como parte essencial da identidade quilombola.

A atividade aconteceu na casa da mestra de saberes Maria Aparecida dos Anjos Oliveira, conhecida carinhosamente como Nêga. Reconhecida por sua sabedoria e habilidade em preservar e ensinar os costumes de sua comunidade, Nêga conduziu os participantes em uma experiência autêntica de preparo do café tradicional. O processo incluiu o uso de grãos de café, açúcar, cinza e um pilão, em um resgate de técnicas, práticas e utensílios que carregam histórias de resistência e pertencimento.

Durante a preparação, foram compartilhadas histórias e reflexões sobre a origem dessa prática, seu papel nas interações sociais da comunidade e a importância de transmitir esses saberes às novas gerações. A aula não apenas proporcionou uma vivência prática, mas também fomentou diálogos sobre a relação entre cultura, alimentação e identidade, reforçando o valor da ancestralidade na construção do presente e do futuro das comunidades quilombolas.

**Imagem:7**



Fonte: Autoria própria (2014).

### **5º Momento: Etnomatemática**

Iniciou-se com uma introdução ao conceito de Etnomatemática, destacando sua relevância para a valorização e preservação da cultura afro-brasileira e quilombola. Enfatizou-se a importância de compreender as unidades de medida tradicionais, como cuia, litro e braça, que refletem a sabedoria ancestral e as práticas cotidianas das comunidades quilombolas. Destacou-se a participação da mestra de saberes Maria de Lourdes Ramos da Silva, conhecida como Dona Lourdinha. Durante

sua fala, ela compartilhou histórias e experiências que ilustram como os saberes de seus ancestrais sobre medidas e contagens eram aplicados no dia a dia do quilombo, desde a agricultura até a culinária e o comércio.

Dona Lourdinha ressaltou a conexão entre essas práticas e a identidade cultural quilombola, evidenciando como os conhecimentos tradicionais se integravam à vida comunitária. Após essa rica troca de saberes, foi realizada uma atividade prática com os alunos, onde foram desafiados a produzir um litro utilizando moldes de papel, aplicando os conceitos discutidos e explorando a relação entre a matemática formal e os conhecimentos tradicionais. Essa prática permitiu que os estudantes vivenciassem, de forma concreta, a relevância e a aplicabilidade das unidades de medida quilombolas, estimulando o pensamento crítico e a valorização da cultura local. O momento foi encerrado com uma reflexão coletiva sobre a importância de integrar os saberes tradicionais ao ensino formal, promovendo uma educação inclusiva que respeita e celebra a diversidade cultural.

### Imagem: 8



Fonte: Autoria própria (2014).

## ROTEIRO DAS ATIVIDADES DIRECIONADAS AO 5º ANO

### 1º Momento: Historicidade da Comunidade Quilombola Angico

Esta atividade foi ministrada com a participação do professor Vitor Gomes, especialista no Ensino de História, que atuou como mediador da roda de conversa sobre a temática da aula. Iniciamos a atividade valorizando os conhecimentos prévios dos estudantes, por meio de perguntas que levaram os aprendizes a refletir sobre o que sabiam a respeito de quilombo, quilombolas, racismo, preconceitos, autoafirmação, entre outros.

Inicialmente, foi distribuído um papel para cada estudante, onde deveriam responder como se identificavam quanto à cor da sua pele. A maioria dos alunos se classificou como pardo, enquanto alguns utilizaram o termo "café com leite". Em seguida, algumas crianças participaram de uma dinâmica na qual jogaram um dado com as seguintes perguntas: "Você se considera quilombola?", "Como foram formadas as comunidades quilombolas e por quem?", "Você conhece a cultura quilombola?", "Para você, o que é um quilombola?", "Você tem vergonha ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser quilombola?". Durante a atividade, seis crianças se propuseram a jogar o dado, e a cada pergunta sorteada, tanto a criança que jogou quanto as outras respondiam o que entendiam sobre o tema.

Ao final da dinâmica, o professor Vitor iniciou uma retrospectiva histórica, abordando o Quilombo dos Macacos, localizado na Serra da Barriga, no município de União dos Palmares, em Alagoas. Em seguida, falou sobre o município de Bom Conselho, que também teve o Quilombo de Pedro Papa-caça, para, então, relatar a origem do Quilombo de Angico, que surgiu a partir do desmantelamento desses dois quilombos no final do século XVII. Ressaltou também que existem mais 10 comunidades reconhecidas como remanescentes de quilombo, oriundas desse processo.

Após a explanação sobre a historicidade da cidade e dos quilombos de Bom Conselho, o professor conduziu uma conversa sobre todas as questões abordadas na dinâmica. Durante a fala do historiador, os estudantes interagiram, fazendo perguntas e tirando dúvidas. Ao final, todos puderam degustar um delicioso chá preparado com diversas ervas e um saboroso bolo de banana.

Após o intervalo, os alunos retornaram para a sala de aula, onde foram solicitados a produzir um texto relatando os saberes adquiridos durante a roda de conversa.

Imagem: 9



Fonte: Autoria própria (2014).

## 2º Momento: Plantas Medicinais no Gênero Textual Entrevista

No dia anterior à aula, foi solicitado que os alunos trouxessem alguma planta medicinal que tivessem em casa. No dia da aula, todos os alunos foram para debaixo da árvore umbu, levando as plantas que trouxeram, e, ao chegarem lá, encontraram no caule algumas folhas coladas com nomes de várias ervas. Após a leitura, os alunos identificaram os nomes como sendo de plantas que servem para fazer remédios. Em círculo, iniciou-se uma roda de conversa para levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre as plantas medicinais, com as seguintes questões: O que são plantas? Quais plantas são consideradas medicinais? Quais plantas medicinais você tem em casa ou conhece? Por que essas plantas são medicinais? Alguém da sua família já utilizou plantas como remédio? Quais? Para que doenças ou dores? Em seguida, cada estudante apresentou a planta que trouxe, disse o nome e para que a mãe ou algum parente a utilizava.

Após essa atividade, fomos para a sala de multimídia, onde foi apresentado um vídeo explicativo sobre o gênero entrevista: sua função social, estrutura, tipos de entrevista e um exemplo de uma entrevista, abordando todas as especificidades do gênero. Após a exposição e análise oral de uma entrevista, a professora informou que os estudantes iriam elaborar uma entrevista com o senhor Paulo Soares, morador da Comunidade Quilombola Angico, benzedor e conhecedor de várias plantas medicinais. Para dar aos alunos um conhecimento prévio sobre o entrevistado, foi exibido um documentário sobre a vida de Seu Paulo.

Dando continuidade à atividade, os alunos retornaram para a sala de aula, onde começaram a elaborar, coletivamente, perguntas para serem feitas ao entrevistado. Os alunos formulavam as perguntas, e a professora as escrevia no quadro, fazendo

questionamentos sobre possíveis alterações ou reformulações quando necessário, além de orientar sobre o uso de letras maiúsculas e os sinais de pontuação. Todos os alunos escreveram as perguntas no caderno.

**Imagem: 10**



Fonte: A autoria própria (2014).

### **3º Momento: Entrevista com o Mestre de Saberes: Paulo Soares da Silva (Paulo de Mãinha)**

Para a realização desta atividade, a professora da turma levou os estudantes até a casa do mestre de saberes, Paulo Soares da Silva. Chegando ao local, todos os estudantes pegaram seus cadernos com o roteiro da entrevista. Seu Paulo se apresentou e iniciou a atividade apresentando algumas plantas medicinais que cultivava em seu terreiro, explicando sua finalidade e como utilizá-las. Durante a apresentação, os alunos interagiram com perguntas espontâneas.

Após a exposição das plantas, foi iniciada a entrevista, na qual cada aluno fez uma pergunta previamente elaborada. Todas as respostas foram registradas nos cadernos dos alunos. Ao final da entrevista, foi servido um lanche e os estudantes retornaram para a escola. Na sala de aula, os alunos foram solicitados a elaborar uma lista com os nomes das plantas apresentadas.

Para os alunos com dificuldades na escrita, foi fornecido um impresso com o nome das plantas para que pudessem pesquisar e associar a imagem de cada planta ao seu respectivo nome. Em seguida, utilizando as partes das plantas que foram apresentadas por Seu Paulo, os alunos produziram um cartaz coletivo.

**Imagem:11**



Fonte: Autoria própria (2014).

#### 4º Momento: Enciclopédia das Plantas e Jogo da Memória

Nesta aula, foi levado um livrinho impresso, contendo imagens das plantas apresentadas por Seu Paulo, para que os alunos, com base nas anotações feitas no caderno e nos conhecimentos adquiridos com o mestre de saberes sobre as plantas e suas utilidades, confeccionassem uma enciclopédia das plantas medicinais. A atividade foi realizada em grupos de quatro pessoas, visando a colaboração entre os alunos, de modo que aqueles que não conseguiram fazer todas as anotações pudessem contar com a ajuda dos colegas. Em cada página do livrinho, os alunos deveriam registrar o nome da planta e suas respectivas utilidades.

#### Imagem 12



Fonte: Autoria própria (2014).

#### 5º Momento: Plantas Medicinais no gênero textual Receita

Inicialmente, os alunos foram levados à sala de multimídia para a exibição de um vídeo explicativo sobre o gênero *Receita*. Após a exibição, foram enfatizadas as funções sociais do gênero, sua estrutura e especificidades. Em seguida, com a participação do Mestre de Saberes, Paulo de Mãinha, a turma se dirigiu à cozinha da

escola para realizar a receita de Lambedor para bronquite, ensinada por ele. Seu Paulo iniciou a atividade apresentando o título da receita e os ingredientes.

Em seguida, lavou as ervas e começou a colocá-las na panela. À medida que Seu Paulo apresentava o título da receita, os ingredientes e o modo de fazer, cada aluno foi anotando no caderno. Para os estudantes que apresentavam dificuldades na escrita, foram levadas imagens dos ingredientes e o texto fatiado do modo de fazer, permitindo que eles montassem na sequência que estava sendo ensinada, uma vez que já havíamos coletado a receita previamente.

Devido ao tempo de preparo, não foi possível concluir a receita com os alunos no mesmo dia. Portanto, Seu Paulo aguardou a finalização do processo e, no dia seguinte, os alunos puderam experimentar o Lambedor. Como tarefa de casa, foi solicitado que cada aluno trouxesse uma receita de remédio feita com ervas medicinais, por sua mãe ou algum parente, indicando para que serve.

Como alguns estudantes apresentam mais facilidade na escrita e outros mais dificuldades, a atividade demorou mais, pois a receita foi ditada. Durante esse processo, alguns alunos escreviam mais rápido e outros mais lentamente, mas foi dado tempo para que todos concluíssem cada etapa.

**Imagem:13**



Fonte: Autoria própria (2014).

### **6º Momento: Gênero Textual Bula de Remédio e Confeção de um Livrinho de Receita**

A aula teve início com os alunos provando o lambedor produzido. Em seguida, foi abordado o conceito de bula de remédio, sua estrutura e finalidade. Com base nas

orientações fornecidas por Seu Paulo na aula anterior, foi construída uma bula de remédio para o lambedor preparado. Após a confecção da bula, os alunos participaram da elaboração de um livrinho de receitas com ervas medicinais. Para isso, foi entregue aos alunos um livrinho impresso, onde eles colaram a imagem da planta, indicaram para que ela serve, escreveram o título da receita, os ingredientes e o modo de preparo.

As receitas copiadas no livro foram repassadas por Seu Paulo, incluindo: xarope, chá de cidreira e banho contra mau olhado, além da receita coletada pelos alunos em pesquisa realizada em casa. As receitas foram entregues impressas, com o passo a passo detalhado de cada uma, uma vez que os alunos não se lembrariam de todos os detalhes.

#### Imagem: 14



Fonte: Autoria própria

#### 7º Momento: Gênero Textual Biografia

No 7º momento da atividade, os alunos foram conduzidos à sala de multimídia, onde foi apresentado um vídeo explicativo sobre o que é uma biografia, sua estrutura e características. Após a exibição, explicou-se que a tarefa seria realizar a biografia do mestre de saberes Paulo de Mãinha, com base nos dados coletados durante a entrevista. A produção do texto foi realizada coletivamente: os alunos construíam oralmente o conteúdo, enquanto a equipe docente transcrevia no quadro, promovendo reflexões, indagações e observações sobre a estrutura do texto, com ênfase na coesão, coerência, uso adequado de letras maiúsculas e sinais de pontuação. Após a elaboração, o texto foi lido em voz alta, e os alunos transcreveram-no em seus cadernos.

#### Imagem: 15



Fonte: Autoria própria (2014).

## 8º Momento: Culminância das sequências didáticas e avaliação

Para a avaliação das práticas pedagógicas desenvolvidas, com foco nos conhecimentos adquiridos pelos estudantes, foram realizadas duas atividades. A primeira consistiu na elaboração de um simulado, baseado nas perguntas do SAEPE, abordando todos os gêneros trabalhados: entrevista, receita, bula de remédio e biografia. Cada aluno respondeu individualmente ao simulado, visando analisar a compreensão dos mesmos em relação aos gêneros textuais.

A segunda atividade foi uma partilha de saberes, em que os conhecimentos adquiridos com o mestre de saberes, Paulo Soares, foram apresentados para a gestão escolar, professores e alunos das demais turmas dos anos iniciais. Durante esta apresentação, os alunos construíram um cartaz sobre plantas medicinais, no qual foram expostas as informações de cada planta, seu nome e suas propriedades. Além disso, dois alunos apresentaram a biografia de Seu Paulo, que esteve presente para ser homenageado.

### Imagem: 16



Fonte: Autoria própria (2014).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste projeto evidenciam que práticas pedagógicas que valorizam saberes ancestrais e integram gêneros textuais diversificados contribuem significativamente para o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes quilombolas, ao mesmo tempo em que enriquecem o processo de ensino-aprendizagem. Durante as atividades realizadas, destacaram-se a integração dos saberes tradicionais da comunidade com os gêneros textuais trabalhados, como biografia, entrevista, receita e bula de remédio, os quais proporcionaram aos estudantes experiências práticas e reflexivas sobre suas origens e cultura.

O gênero entrevista foi igualmente relevante, pois incentivou o diálogo entre estudantes e mestres de saberes, possibilitando a investigação e o registro de práticas culturais e medicinais transmitidas ao longo de gerações. As entrevistas realizadas contribuíram para aproximar os alunos dos saberes ancestrais, como o uso de plantas medicinais e a compreensão do território como um espaço de resistência e identidade.

A abordagem do gênero receita, por sua vez, proporcionou uma vivência prática ao integrar o aprendizado sobre culinária tradicional com o registro escrito, culminando na elaboração de receitas de remédios caseiros baseados nos conhecimentos transmitidos pelos mestres da comunidade. Essa atividade reforçou a relação entre cultura e práticas cotidianas, evidenciando como a ancestralidade está presente em ações aparentemente simples, mas profundamente simbólicas.

Além disso, o gênero bula de remédio foi explorado para consolidar os conhecimentos adquiridos sobre plantas medicinais e seus usos terapêuticos. A atividade, além de desenvolver competências linguísticas, destacou a importância de integrar saberes científicos e tradicionais no contexto educacional, promovendo uma visão mais inclusiva e respeitosa dos conhecimentos quilombolas.

A utilização do gênero textual biografia permitiu aos alunos o registro da história de mestres de saberes locais, como o Sr. Paulo de Mãinha, destacando a importância da memória e da ancestralidade para a preservação cultural, impedindo que ocorra um epistemicídio. Esse gênero possibilitou o desenvolvimento de habilidades de

escrita e reflexão, ao mesmo tempo que promoveu o contato com narrativas inspiradoras que reafirmam o valor da cultura quilombola.

Os saberes ancestrais permeiam todas as etapas do trabalho, desde a manufatura da mandioca e o preparo de café artesanal até o uso de medidas tradicionais abordadas pela etnomatemática. Essas práticas trouxeram para a sala de aula a riqueza cultural da comunidade, demonstrando a importância de preservar e valorizar a memória coletiva como parte do processo educativo.

A articulação entre os gêneros textuais e os saberes ancestrais não apenas reforçou o ensino de competências escolares, como leitura e escrita, mas também promoveu a autoafirmação identitária e o reconhecimento do território como símbolo de resistência e pertencimento. Dessa forma, o projeto reafirma o potencial de uma educação contextualizada e antirracista, comprometida com a valorização das culturas locais e a formação de cidadãos críticos e conscientes e com solidez no seu processo de autoafirmação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS / CONCLUSÕES**

Após a realização deste relato de experiência, constatou-se que as atividades realizadas entre outubro e novembro de 2024 proporcionaram vivências profundamente significativas, conectando os alunos aos saberes tradicionais do território Quilombola de Angico. Por meio dessas experiências, foi possível fortalecer a valorização da cultura, memória e ancestralidade quilombola, elementos fundamentais para a preservação da história e identidade desse povo. Esses momentos não apenas enriqueceram o processo de ensino-aprendizagem, mas também incentivaram reflexões críticas sobre questões como identidade, territorialidade e o papel da cultura quilombola na construção de uma sociedade mais plural e inclusiva.

As rodas de conversa com mestres e mestras de saberes e líderes das diversas comunidades quilombolas da região, somadas às atividades de integração, permitiram aos estudantes compreenderem a riqueza dos saberes ancestrais e a importância de preservá-los. Além disso, as interações com a comunidade foram essenciais para a

ampliação das perspectivas dos alunos, promovendo o reconhecimento da diversidade cultural como um patrimônio inestimável.

As discussões sobre territorialidade e as práticas de cura envolvendo os saberes tradicionais, bem como os relatos de resistência e conquistas do Quilombo de Angico, proporcionaram um aprendizado que vai além do currículo convencional, despertando nos estudantes o respeito pela história e pelas lutas dos povos quilombolas. Essas vivências reafirmam o compromisso da escola com uma educação que valoriza a diversidade, fomenta o respeito às identidades culturais e prepara os alunos para uma atuação cidadã consciente e transformadora.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, A. C.; OLIVEIRA, F. L. S.; PEREIRA, M. R. B. *Etnomatemática na feira: estimando o lucro com unidades de medidas locais*. CIAEM, 2011.

ALMEIDA, M. *Ancestralidade e Memória na Educação Quilombola*. Editora Educ, 2022.

BRASIL. *Lei nº 10.639/2003 – Educação para as Relações Étnico-Raciais*.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. *Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto*. Revista Brasileira de Educação, v. 22, n. 69, p. 539-564, abr./jun. 2017.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FONSECA, M. M. da. *História e memória dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Autêntica, 2019.

GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de Quilombolas: Mocambos e Comunidades de Senzalas no Rio de Janeiro (século XIX)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MOURA, C. *Os quilombos e a resistência ao escravismo*. São Paulo: Global, 1981.

NOGUEIRA, Alexandre. *A oralidade como método de preservação cultural nos quilombos*. Revista Brasileira de História Oral, v. 12, n.º 23, 2019.

SANTOS, B. S. P.; SILVA, M. P.; LAVOR, O. P. *Proposta de atividade com perspectivas da Etnomatemática na resolução de problemas*. VI CONEDU.

SANTOS, E. M. *Uma proposta de como abordar na sala de aula o litro, a cuia e a saca* - um sistema de medidas utilizado no sertão pernambucano. UPE – FFPG.

SILVA, Eduardo. *Quilombos: identidade étnica e resistência cultural*. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

SILVA, R. *História e Cultura dos Quilombos: Um Olhar sobre o Passado e o Presente*. Editora Quilombo, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. – 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUSA, Edson Carlos Sobral de; et al. Grupo Aya-Sankofa de estudos decoloniais e afrocentrados em Educação Matemática: trajetórias iniciais. *Revista Currículo & Docência*, v. 01, n. Edição 01, p. 22, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/CD/article/view/245918>. Acesso em: 09 ago. 2024.

SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. dos S. *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

UNESCO. *Roteiro para a aplicação da Convenção de 2003 para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Brasília: UNESCO, 2014.

SOUSA, Maurício Fernandes de. *Quilombo de Angico: raízes, modos e significados*. YouTube, 28 de julho de 2024. 14 min 44s. Disponível em: [https://youtu.be/c-IUX9\\_sNOI?si=vR52-DN2klc6TD2Q](https://youtu.be/c-IUX9_sNOI?si=vR52-DN2klc6TD2Q). Acesso em: 20 out. 2024.

CATELLI, Bruna. *Gênero textual: entrevista*. YouTube, 28 de Outubro de 2020. 05 min 10s. Disponível em: <https://youtu.be/gzsfLyJfe8A>. Acesso em: 03 nov. 2024.

CATELLI, Bruna. *Gênero textual: receita*. YouTube, 28 de setembro de 2020. 05 min 01s. Disponível em: <https://youtu.be/jtwpytjdDTI>. Acesso em: 03 nov. 2024.

CATELLI, Bruna. *Gênero textual: biografia*. YouTube, 18 de maio de 2021. 06 min 11s. Disponível em: <https://youtu.be/VBAjibesVRM>. Acesso em: 03 nov. 2024.

SANTOS, J. P. *Cultura e resistência quilombola: práticas e saberes tradicionais no Brasil*. Editora Quilombar, 2020.